FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

O TUIUTI

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL **(IHTRGS)**

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti – 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016 **Julho** **N° 176**

HOMENAGEM AO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DA ARGENTINA

Cel Cláudio Moreira Bento - Presidente e Fundador da Federação
das Academias de História Militar Terrestre do Brasil

Em 9 de julho de 2016, a Argentina comemora o bicentenário de sua Independência de Espanha, sob a liderança de seu Libertador e Pai da Pátria Argentina , o Gen José de San Martín.

Em 1939, na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, escola de formação de oficiais do Exército Brasileiro, ocorreu o seguinte e expressivo evento: O então Major Jonas de Morais Correia Filho, professor da Escola Militar do Realengo, conseguiu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conduzir dali, até o Realengo, com pompa e circunstância, a invicta espada do Duque de Caxias, para colocá-la ao lado da espada do Libertador da Argentina, o General José de San Martín, trazida por cadetes do Exército Argentino em visita ao Brasil.

Ambos expressões culminantes dos exércitos argentino e brasileiro, unidos pelo mesmo ideal, a Monarquia Constitucional, como elemento capaz de assegurar a consolidação da Independência das nações sul-americanas, unidas sob um trono único, a União das Coroas Ibéricas, 1580-1640, quando davam os primeiros passos.

No Brasil, foi o que o Duque de Caxias obteve ao pacificar as Lutas Internas, as quais ameaçaram a Regência, esta decorrente da Abdicação de seu Imperador D. Pedro I. Este foi o objetivo vitorioso dos brasileiros adeptos da Maçonaria Azul, ou inglesa, favorável a Monarquia Constitucional. E este, acreditamos, era o pensamento do jovem oficial San Martín depois de participar da Batalha de Bailén[1], na qual Napoleão sofreu a sua primeira grande derrota, que culminou com a libertação de Madrid.

Foi nesta época que San Martin ingressou na Maçonaria, à qual foi apresentado pelo escocês Lord MacDuff, Conde de Fife, e que nos encontros maçônicos secretos conheceu o ideal de libertação das nações da América Espanhola. Foi então que viajou para a Inglaterra, onde através da Maçonaria, entrou em contato com outras personalidades que aspiravam lutar pela Independência das colônias sul- americanas da Espanha. E decidiu retornar para sua Pátria natal. E em 9 de março de 1812, desembarcou em Buenos Aires trazendo a experiência de 22 anos de serviços militares, que colocaria a serviço da causa da Independência de sua pátria, do Chile e do Perú.

---

[1] **Batalha de Bailén**: na Guerra Peninsular, com a primeira derrota do exército napoleônico. Em 19 de Julho de 1808 junto à cidade de Bailén, Província de Jaén, Espanha. Um exército francês com cerca de 21 mil soldados sob o Gen Pierre Antoine Dupont de l'Etang contra forças espanholas com 27 mil sob o Gen Francisco Javier Castaños. Exército francês derrotado, naquela que foi a primeira derrota militar de Napoleão Bonaparte.

San Martin acreditava que, declarada a Independência da Espanha nas nações da América do Sul, o ideal seria que elas se tornassem monarquias tendo por Chefes de Estado príncipes europeus especialmente convidados.

E no encontro dos dois libertadores Simon Bolivar e San Martin em Guaiaquil no Equador, em reunião Maçônica, San Martín foi voto vencido pela ideia de Simon Bolívar, favorável à união de todas estas nações na Grã-Colômbia, na forma de uma grande República Constitucional, conforme defendia a Maçonaria Francesa ou Vermelha.

E na Batalhas de Ayacucho, que consolidou a Independência do Perú, como nas batalhas de Boyacá, libertadora da Colômbia, e na de Carabobo, libertadora da Venezuela, delas participou com destaque o libertador brasileiro Ignácio Abreu e Lima, formado oficial de Artilharia pela Academia Real Militar no Rio de Janeiro e que se destacaria a serviço da Grã-Colômbia. Batalhas que analisamos criticamente, à luz dos fundamentos da Arte e da Ciência Militar na **Revista A Defesa Nacional** n° 725, mai/jun 1986. Obra disponível em Livros e Plaquetas no site da FA-HIMTB (www.ahimtb.org.br).

Se tivesse vingado a ideia do General San Martín teríamos talvez hoje na América do Sul duas grandes nações: o Brasil e uma União ou uma Federação de Nações independentes da Espanha. E seguramente Unidas pela História, segundo o conselho de outro Martin, **Martin Fierro,** livro escrito no Brasil, por José Hernandes e por muitos considerado o **Livro nacional dos argentinos**, no qual em certa altura o gaúcho argentino aconselha esta unidade de objetivos comuns dos brasileiros e dos descendentes da Espanha da América do Sul.

"**Que os irmãos sejam unidos.**
Tenham união verdadeira.
Em todo tempo que seja.
Porque se lutarem entre eles.
Os de fora os devoram."

E há quantos anos se espera esta união verdadeira da ALALC e MERCOSUL e os irmãos sul-americanos, voltarem seus olhos para a construção do futuro da América do Sul e não as antigas divergências hoje cicatrizadas.

A atuação militar de San Martin na guerra de Independência da Argentina

O seu primeiro combate em sua pátria natal foi às margens do rio Paraná, entre os Barrancos de San Lorenzo onde, no comando de um Esquadrão de Cavalaria, em 3 de fevereiro de 1813, enfrentou com 120 homens divididos em duas companhias, 250 realistas provenientes de Montevidéu em 11 navios. San Martin submetia seus comandados a treinamentos militares exaustivos. E entre seus comandados preferia os de maior valor pessoal.

O Exército dos Andes de San Martin

San Martín, de seu estudo de situação, chegou à conclusão que a derrota de forças realistas concentradas em Lima-Perú era fundamental para assegurar a Independência da América do Sul Espanhola.

E secretamente passou a construir seu plano de atingir o Peru. E com vistas a conquistar este objetivo estratégico, aproximou-se da fronteira do Chile para estudar a Cordilheira dos Andes. E foi nomeado Governador da Província de Cuyo, que englobava Mendoza, San Juan e São Luiz, onde passou a organizar o seu Exército dos Andes para a travessia da Cordilheira.

Para evitar surpresas na travessia da Cordilheira, dividiu o Exército dos Andes em seis frentes diferentes. Uma coluna principal, uma coluna secundária e mais quatro menores, atravessando os Andes. E antes, mandou um emissário ao Chile para fazer ao comandante realista um proposta inaceitável. Na ida, o emissário reconheceu um dos caminhos e na volta um caminho diferente, sobre os quais informou suas condições a San Martin.

Estas colunas de seu Exército receberam um inesperado e valioso reforço, o dos sobreviventes do Exército de Bernardo O'Higgins no Chile, que fora quase dizimado por realistas em outubro, na cidade chilena de Rancágua e que, atravessando a Cordilheira, procuraram refúgio nas terras de Mendonza e ali se aliaram ao Exército dos Andes de San Martín.

Em janeiro de 1817, San Martin foi nomeado General em Chefe do Exército dos Andes e começou a executar o seu ousado plano.

Para a travessia dos Andes, preparou previsões para um mês e planejou que as colunas deviam invadir o Chile entre os dias 8 e 9 de fevereiro de 1817.

Os companheiros de jornada do Exército dos Andes, constituído de 4000 soldados e 1500 ajudantes, tiveram o frio, a fome e a sede vencidos pela obstinação em conquistar a liberdade.

Cronistas assim registraram a saga do Exército dos Andes

> *"O vento gelado penetrava nos uniformes em farrapos dos bravos do Exército dos Andes. Os agasalhos não conseguiam proteger a tropa do frio. As altitudes da Cordilheira, foram o mais cruel e mortal inimigo do Exército dos Andes. Dos cavalos e mulas que transportaram mantimentos e soldados, só os mais fortes sobreviveram ao gélido frio da Cordilheira."*

Mas no comando daquele Exército existia um grande General, inspirado por um ideal, uma América do Sul livre. E em 10 de fevereiro de 1817, o Exército dos Andes travou, na encosta de Chacabuco, a sua primeira e vitoriosa grande batalha no Chile. San Martin impôs ao Exército realista 500 baixas em combate e a prisão de 600 de seus soldados obrigando-o a bater em Retirada.

Em 14 de fevereiro de 1817, o Exército dos Andes entrou triunfante em Santiago, sendo o General San Martin aclamado Governador do Chile, o que recusou, cargo que foi entregue ao heróico Libertador Brigadeiro Bernardo O'Higgins. San Martin e O'Higgins criaram o Exército Unido, ao comando de San Martin como seu General- em- Chefe. Em 5 de abril de 1818, em Maipú, impuseram pesada derrota aos realistas dos quais, dos seus 4.500, soldados apenas 1200 deles se salvaram, obrigando os remanescentes a embarcar no porto de Talcahuano, de retorno a Lima. Deste modo estava consolidada a Independência do Chile. Para o Exército Unido atingir Lima o caminho devia ser feito pelo mar.

E San Martín passou todo o ano de 1818, pacientemente preparando o Exército Unido e uma frota que o levasse até Lima. Para mobilizar a frota que o levaria a Lima, o governo independente da Argentina financiou a compra de navios espanhóis na Inglaterra e Estados Unidos, que reforçaram a Frota patriota, comandada pelo escocês Vice Almirante Thomas Alexandre Cochrane. Frota constituída por cinco navios de guerra e 17 de transporte que levariam 1600 homens do Exército Unido e que cercariam os realistas em Lima pelo mar. A força patriota tomou os portos de Asco e Callao e manteve os realistas em Lima sitiados por 6 meses.

Em 5 de junho de 1821, os realistas em Lima bateram em Retirada, buscando abrigo em vales dos Andes, deixando 2000 homens para resistir ao cerco de Callao. O Exército Unido de San Martin e O`Higgins entrou em Lima triunfante. E em 28 de julho de 1821, foi proclamada a independência do Perú. San Martin passou a exercer o cargo do Protetor do Peru e o governou por um ano, retirando-se da vida pública depois de Libertar a Argentina, o Chile o Perú, e deixou que o Libertador Simon Bolívar completasse a sua obra, depois de voto vencido em reunião maçônica em Guayaquil conforme abordado anteriormente.

San Martin retirou-se para a França em fevereiro de 1824 e lá viveu até 17 de agosto de 1850 quando morreu, aos 72 anos, em Boulogne-sur-Mer. Seus restos mortais foram transportados em 1880 para a Argentina, que o considera o Pai da Pátria, e onde é lembrado em nome de ruas e praças como o seu herói maior. Seus restos mortais repousam na Catedral de Buenos Aires.

O estrategista militar-enxadrista

O estrategista e líder de batalha general José de San Martin, era um praticante do jogo de xadrez, que considerava uma forma de desenvolver suas qualidades de estrategista militar e visualizar e planejar ações militares à frente das ações militares iniciais que planejava, depois de concluir que a Independência das nações sul-americanas de origem espanhola dependia da derrota das mesmas concentradas em Lima.

Ensinamento de San Martin

Transcrevemos alguns pensamentos de San Martín de muita validade e atualidade:

- ***Devemos saber viver com o dinheiro que temos.***
- ***Quando se tem Liberdade, todo o restante sobra.***
- ***A consciência é o melhor juiz de um homem de bem.***
- ***Uma derrota com luta vale mais do que uma vitória casual.***
- ***Se há valor em se vencer o inimigo, há mais valor quando o homem consegue vencer a si próprio.***
- ***O melhor amigo é aquele que corrige os meus erros e desaprova os meus desacertos."***

Dados complementares sobre a vida e obra do Pai da Pátria Argentina

Seu nome completo José Francisco de San Martin y Matorras, nasceu em Yapeyú, província de Corrientes, em 25 de fevereiro de 1778. Seus pais, Juan de San Martin e Gregória Matorras, eram espanhóis. Foi o terceiro filho de uma família de cinco irmãos. O pai, militar, chegou ao Vice-Reinado do Prata em 1765, como Tenente. E foi nomeado governador de Yapeyú. Em 1779, a família deslocou-se para Buenos Aires e seu pai foi promovido a Capitão de Infantaria. Em 1783, voltou à Espanha com toda a família. E seu pai em 1784 em Madri, requereu o posto de Tenente-Coronel.

José de San Martin estudou no Real Seminário de Nobres de Madri, e em 1789, com cerca de 11 anos era cadete, ingressando no Regimento de Infantaria de Murcia. Transferido para Melilla em Marrocos e, em Orã na Argélia, teve o seu batismo de fogo aos 13 anos em luta contra os mouros. Participou de campanhas da guerra da Independência da Espanha e lutou em Rosilhão (1795). San Martin combateu na batalha de Bailén, em 19 de julho de 1808, onde se destacou na divisão ao comando do Marquês de Coupigny (Antonio Malet), merecendo citação especial e promoção. Foi neste contexto que conheceu as doutrinas militares dos vários contendores. E os cenários do norte da África, da Península Ibérica e do sul da França moldaram o estrategista, que enfrentaria e venceria o desafio imposto pela Cordilheira ao seu Exército dos Andes. Atuou nas guerrilhas, por ocasião da dominação francesa sobre a Espanha, num movimento de reação popular que marcou o solapamento do domínio Frances, em combinação com a atuação das Sociedades Secretas, notadamente a Maçonaria, no sentido de conscientizar as lideranças através da discussão de questões relativas à independência da Espanha, e da ideia liberal gerada na própria França como a da emancipação das colônias espanholas na América. San Martin atingiu o posto de Tenente-Coronel do Exército da Espanha sendo que todas as promoções foram conquistadas nas campanhas que participou, as quais aprimoraram seus conhecimentos de Tática e Estratégia Militar. Contrário à monarquia absoluta espanhola, tomou conhecimento de relatos de seus irmãos maçônicos sobre os movimentos de libertação que estavam ocorrendo na América. Em 1811 obteve autorização para seguir para Lima, mas a 14 de julho daquele ano saiu de Cadiz, com apoio de Lord Fife, com destino à Inglaterra. Em Londres fez contatos com patriotas sul-americanos, que o colocaram a par dos acontecimentos do Rio da Prata, depois da revolução de Maio. Essas e outras notícias o fizeram decidir por cruzar o Atlântico, com destino à América, a bordo da fragata inglesa **George Canning** e, contrario à autorização superior, a 9 de março de 1812 chegou a Buenos Aires, em companhia de patriotas, que se integrariam na luta pela independência. Ofereceu seus serviços ao governo independente, que reconheceu seu posto de Tenente-Coronel e o incumbiu de organizar um Regimento de Granadeiros a Cavalo. Reunindo voluntários, estabeleceu uma base no oeste da Argentina, perto de Mendonza e deu início a pequenas operações contra os espanhóis. Ao final do ano de 1812 casou-se aos 24 anos com D. Remédios de Escalada, filha de uma das mais distintas famílias da cidade de Buenos Aires. Com isso consolidou sua posição junto ao Triunvirato e a Sociedade. Em 1813, junto ao rio Paraná, conquistou sua primeira vitória contra o General espanhol Zabala. Exerceu também atividade política na Argentina. Foi convidado para substituir o General Manuel Belgrano em 1814, no auge de uma crise política.

Foi também, um dos fundadores da Loja Maçônica **Lautaro**, estilo carbonário, que seria a matriz da independência Argentina. A contribuição da Loja **Lautaro** foi tão intensa, que fixou os princípios da República que se pretendia implantar. Entretanto, a reação espanhola era cada vez

mais violenta. E em janeiro de 1813, San Martin comandou as tropas em Buenos Aires e permaneceu à frente de suas tropas na cidade, sobre a qual a ameaça espanhola era direta através de um ataque pelo rio da Prata e fechamento do trânsito fluvial do rio Paraná. Com a esquadra inimiga em Rosário lançou um decisivo ataque. Conquistou a primeira vitória expressiva de sua carreira militar na América na Batalha de San Lorenzo, ao comando de 120 granadeiros. Venceu 250 infantes realistas, conforme já abordamos. No ano de 1814 foi nomeado General e lhe foi atribuído o Comando do Exército dos Andes, que deveria abranger desde o Chile até as regiões setentrionais da América Espanhola. E a partir daí teve início a sua saga e a de seu Exército dos Andes.

Nota do Editor: o Cel Bento homenageia a independência da Argentina, obtida através de proclamação solene no Congresso de Tucumán em 09 Jul 1816 com a relevante figura de seu maior vulto militar, José de San Martin, ao lado de Juan Maria de Pueyrredón, que se tornou o dirigente supremo.

Homenagem do Cel Art EM Cláudio Frederico Vogt à Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx)

UMA ESCOLA INESQUECÍVEL

Quando eu era pequeno, imaginava que seria Comerciante (como o Pai FRIDOLINO), Bispo (como o Dom CLÁUDIO) ou Jogador de Futebol (como o DINO do HARMONIA ou o alemão HELTON do INTER). Esta dúvida durou até o dia em que assisti, no Cine Guarany, um filme em que Soldados faziam uma pista de obstáculos. Daquele dia em diante, decidi seguir a carreira militar. Em dezembro de 1969, com 16 anos, ao final da quarta série do Ginásio Sarandi, prestei, sem fazer cursinho, concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx). Havia 200 vagas. De cada 30 passava 1. Não fui selecionado.

Em 1970, com o incentivo da Irmã GENOVEVA, do Colégio Marista ROSÁRIO (PORTO ALEGRE, RS), preparei-me para o segundo Concurso. Fiz exercícios e mais exercícios. Resolvi provas de anos anteriores. Li textos em voz alta. Em dezembro daquele ano, fiz a prova. Estava mais difícil. Voltei para casa de cabeça baixa... Mas, já no dia seguinte, comecei a estudar para o terceiro Concurso.

Fui passar o Ano Novo com a Família. Compareci ao Baile no Clube Harmonia. O reencontro com velhos amigos me ajudou a esquecer a tristeza. Ao voltar para casa, de madrugada, após uma festa agradável, quando eu entrava pela porta da sala, a Mãe (JOVILDE), ainda deitada, orgulhosa, me disse: “QUICO, a Escola mandou um telegrama: TU PASSOU!” Logo chegou um ofício com orientação, datas e a relação do material do enxoval. Tudo bem organizado. Um dos pedidos da Escola nos deixou surpresos: era obrigatório levar, também, um par de tamancos! Precisava duas malas: uma grande e a outra também. As dificuldades não eram maiores do que o meu orgulho. A Escola Preparatória era considerada superior a todos os Colégios Militares do BRASIL.

Foi criada em 1940, pelo Presidente GETÚLIO VARGAS, em SÃO PAULO, SP. Teve iniciada a construção da sede própria em CAMPINAS, no Bairro CHAPADÃO, em 1944, em magnífico estilo colonial. Passou a funcionar em CAMPINAS em 02 de abril de 1959, integrando Alunos dos quatro cantos da Pátria, irmanados pela nobreza dos valores morais. Hoje a EsPCEx, respeitada dentro e fora dos muros do EXÉRCITO, está estruturada com o que há de mais moderno na área educacional. Engalana a elegante Avenida PIO XII. Enche de orgulho o Povo de CAMPINAS. Que outrora soube lutar por ela. A história do EXÉRCITO aproxima-se, celeremente, dos 400 anos. E não sabe colocar o último ponto. E, ao raiar deste 2016, escreve outra página. O Comandante concede, após 75 anos de funcionamento da gloriosa Preparatória, 40 vagas para jovens meninas. Poderão seguir carreira até o último posto (General de Exército).

Apresentei-me na Escola, em fevereiro de 1971, para um período de adaptação. O clima era de otimismo geral! Sob o comando do General MÉDICI, o BRASIL crescia a 10% ao ano! Naquela época, 16 jovens não suportaram a dureza dos exercícios e a saudade (de casa ou da namorada). Pediram desligamento. Os Alunos eram discretos, idealistas e autoconfiantes. Sonhavam alto. Em 01 de março, o então Comandante, Coronel MILTON PAULO TEIXEIRA ROSA, proferiu, no auditório, a Aula Inaugural. Com discurso eloquente, enalteceu os valores da Escola: espírito militar, disciplina, patriotismo, fé em DEUS, lealdade, sacrifício, amor ao trabalho, abnegação... Eu fiquei emocionado quando ele falou sobre a amizade: "Aqui vocês farão amigos para toda a vida!"

Passadas quase cinco décadas, vejo que o Comandante tinha razão. Naquele Castelo Rosado, nunca presenciei um ato de deslealdade. Na Turma Monte Castelo, a Lealdade fez morada.

Oriundo de uma Cidade pequena, fiquei surpreso com a estrutura da Escola Preparatória. A Loja do meu Pai funcionava bem com 8 pessoas. Eu estava diante de um monte de gente. Cada um sabia o que fazer. Todos aqueles profissionais possuíam espírito de amor ao trabalho. Eram 36 oficiais, 36 professores, alguns Servidores Civis e uma Companhia de Comando e Serviço (CCSv) com a missão de preparar 200 "Cadetes de Ouro". O 28º Batalhão de Infantaria Blindado (BIB), tropa de elite da Reserva Estratégica do Exército, atendia, com prioridade, os pedidos de cooperação da EsPCEx.

Os Oficiais e Professores eram compreensivos. Metódicos. Acreditavam no Método de Trabalho. Alguns mestres eram donos de prestígio nacional. Ministravam aulas com clareza. O alto nível intelectual dos Alunos tornava os debates interessantes. O ambiente era de estudo. Todos se preocupavam com os Alunos, razão de ser da Escola. Quando o avião mais moderno do mundo pousou em Viracopos, os Oficiais nos levaram lá para conhecer o CONCORDE, fabricado pela FRANÇA. Não eram rigorosos com as nossas imaturidades. Eles, também, devem ter escrito os nomes das namoradas nos bicos de pato verde-oliva (VO). Um dos Ex-Alunos, o então Coronel APOLÔNIO, voltou para comandar o CASTELO ROSADO. Tinha moral para exigir. Sabia a quem perdoar. Sabia a quem punir. Sabia compreender. Assistia aos nossos treinamentos. Não demorou muito, o EXÉRCITO promoveu-o a General. Merecido!

O EXÉRCITO acreditou na "ESCOLA DE CADETES"! Investiu nela! Criou condições de trabalho! Em 1971, mais de 40 instalações conduziam o Aluno para ser feliz. Para aprender a aprender. Era uma pequena Cidade dentro de uma grande Cidade. Apresento, a seguir, algumas dependências que eram marcantes na vida dos Alunos: 1ª Companhia de Alunos (Águia), 2ª Companhia de Alunos (Leão), 3ª Companhia de Alunos (Pantera), Refeitório (4 refeições por dia), Salão de Jogos e Leitura, vestiários, alojamentos, salas de aula para 30 Alunos, Secção de Educação Física, laboratórios, anfiteatro, cinema (dois filmes por semana), quadro de honra (publicava os 3 melhores), Laboratório de Línguas, Biblioteca (com mais de 6 mil volumes), Parque Esportivo, Campo de Futebol Social ("Estádio Sangue e Areia"), Armazém Reembolsável (AR), Capela São Tomás de Aquino (Com 300 lugares, integrava a Escola e a Cidade), Boate, seções de Ensino e Administrativas.

Nas Olimpíadas Internas (anuais), os Alunos podiam competir em 6 modalidades: Atletismo, Natação, Futebol, Basquete, Judô e Voleibol. Poderiam, ainda, participar de Atividades Extra-Classe: Cinema, Ginástica Acrobática, Karatê, Capoeira e Danças Gaúchas. Alguns treinos eram realizados na Cidade, com profissionais de prestígio. Em síntese: tudo concorria para o crescimento do Aluno como Soldado e Cidadão. Para o fortalecimento de sua personalidade, cultura e sociabilidade.

Uma estrutura de provocar inveja em qualquer Escola do mundo! Inserida numa das cidades mais importantes do BRASIL: CAMPINAS, SP. Que recebeu, com carinho maternal, brasileiros oriundos dos mais distantes rincões. Que teve participação decisiva na formação dos "CADETES". Que deu bons exemplos, promoveu festas juninas, apoiou o Baile do Bicho e do Adeus, ofereceu confortáveis cinemas e cultos jornais. E nos integrou na saudosa Praça dos Jequitibás.

A Cidade nunca foi o problema. Três anos passam voando. O "Cadete" passa de passagem. O problema é deixar um coração sangrando.

Não quero ser poético, mas a vida foi. Não quero ser dramático, mas a vida foi. Eu fui quem mais sofreu com o silêncio dos ausentes! Foi com as mãos trêmulas que apaguei o nome de alguns companheiros na Relação de Chamada. Mas, seguindo o exemplo dos valentes Paraquedistas, 207 "Cadetes de Ouro" seguiram em frente, domaram a saudade xucra e superaram todos os obstáculos!

Ao final do Curso, o Comandante determinou que os Oficiais nos conduzissem até a ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS - AMAN (RESENDE, RJ). Estava preocupado com a segurança. Quando o meu ônibus saiu pelo portão e tomou a Avenida PAPA PIO XII, comecei a me lembrar que foi aqui que quase tudo começou, que aprendi Atletismo, Disciplina, que vivi três anos emocionantes da minha juventude, que conheci amigos leais, que fiz a Pista de Obstáculos. A minha querida Escola foi ficando para trás, cada vez mais pequena. E, aos poucos, o majestoso CASTELO ROSADO foi desaparecendo diante dos meus olhos e da minha vida. "Ali onde eu chorei, qualquer um chorava ..." (*).

CLAUDIO FREDERICO VOGT – EX-ALUNO 060 da ESPCEX

(Observação: dos formandos de 1973, quatorze foram promovidos a GENERAL e um a BRIGADEIRO).

(*) Compositor PAULO EMÍLIO VANZOLINI (Canção "VOLTA POR CIMA").

HOMENAGEM DO BARDO CASTRENSE Sub Ten EVILÁCIO BARBOSA SALDANHA
AO POETA e CAPITÃO DA GUARDA NACIONAL JOÃO SIMÕES LOPES NETO

1

Na província de São Pedro,
junto ao arroio Pelotas,
um gaúcho poliglota
vem ao mundo sem ter medo.
De inteligência - um rochedo,
a transbordar de grandeza.
Escritor por natureza,
mas de vitórias remotas,
filho ilustre de Pelotas,
nossa cidade Princesa.

2

Para falar da vivência
de um João Simões Lopes Neto,
não vamos pingar dialeto
pra quem nasceu na querência. Conduziu sua existência
sempre de cabeça erguida.
Em cada nova investida,
fez da esperança um esporte, buscando seu próprio norte
pelos quadrantes da vida.

3

Nasceu na Estância da Graça
numa família abastada,
sua conduta ilibada
não conhecia trapaça
nem precisava couraça
de um jornalista ardiloso.
Sem jamais baixar o toso,
vaqueano de um mundo incerto,
gambeteou em campo aberto
no rastro do Boi Barroso.

4

Na estância - lar da família,
levantou de madrugada.
Viu tropas cruzando estradas
ou pisoteando flechilia.
Junto ao peão que desencilha
sob a quincha do galpão,
irmanou-se ao chimarrão,
tendo por perto a cambona
e uma milonga chorona
de emocionar o patrão.

5

Lembranças enraizadas
do seu tempo de menino,
que embasaram seu destino
em sucessivas jornadas.
Entre tantas quixotadas
que o tempo jantais apaga,
cumpriu-se mais uma saga
de um escritor que arrebata:
Martin Fierro de gravata,
sem lança, garrucha, adaga.

6

Um Capitão prestigiado que,

na Guarda Nacional,
foi destacado oficial
no seu papel de soldado.
Altivo, disciplinado,
chefe que não se abstém.
Jamais curvou-se a ninguém,
nem precisou de avalista.
No mundo maniqueísta,
postou-se ao lado do bem.

7

Homem de letras, contista,
ou diretor de jornais,
encaminhou memoriais
aos ilustres congressistas.
Levantou pontos de vista salvaguardando
a lavoura.
Liderança precursora
no parque saladeril,
um simoniano perfil
junto às classes produtoras.

8

Blau Nunes - vaqueano amigo,
um campeiro a toda prova,
confiança que se renova
quando iminente o perigo.
Um taura do tempo antigo
que sabe o valor que tem.
Simões Lopes vai além
nestes pagos barbarescos,
com seus Contos Gauchescos
e as Lendas do Sul - também!

9

O taura não desistia
nem afrouxava o garrão,
mantinha aceso o tição
que em seu coração ardia.
Sua espora retinia
como se em tosco sarau.
Assim viveu velho Blau
sua paixão sedutora,
campeando a princesa moura
que se encantou no Jarau.

10

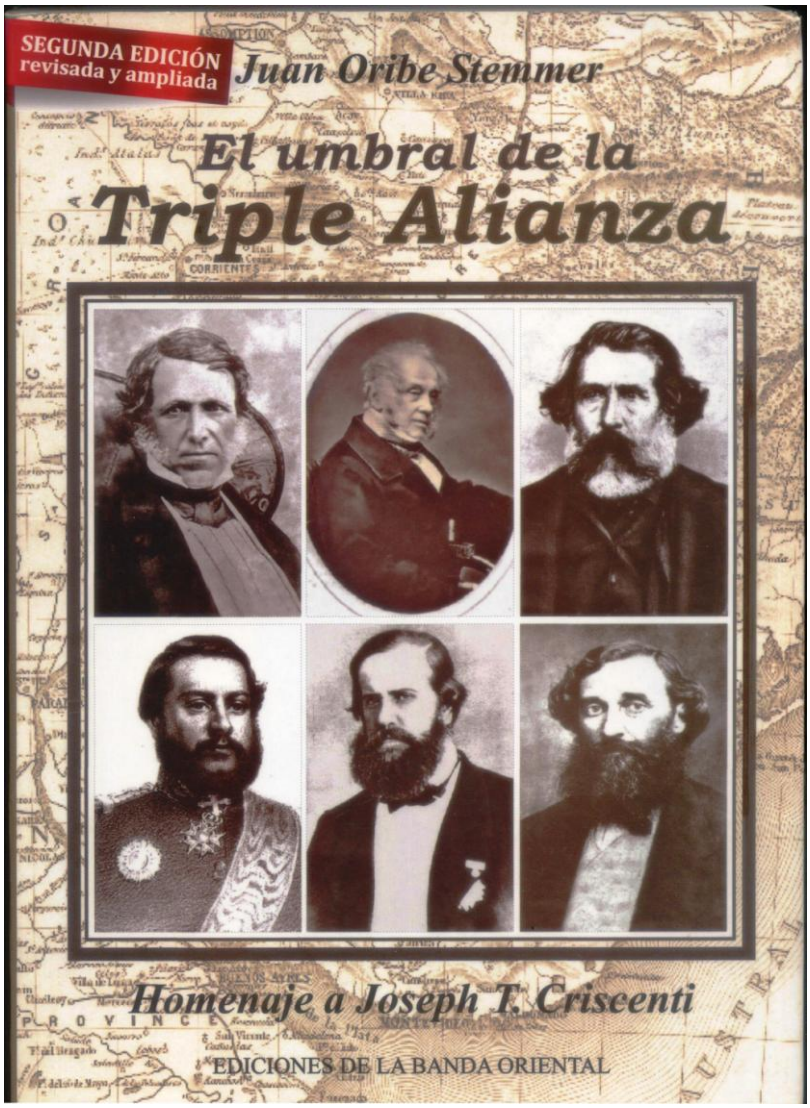
De um acervo literário,
com seu Cancioneiro Guasca,
nem chuva, vento ou nevasca mudarão
itinerário.
Para cumprir seu ideário
que nos legou por escrito,
o mestre partiu solito
para assumir mais um cargo,
cevando seu mate amargo
pelos fogões do infinito!

Evilácio Barbosa Saldanha - ST Inf
Colaborador Emérito do Exército

Recebimento de livro por doação

Recebemos, do colaborador e amigo Juan Carlos Mintegui, o livro cuja capa segue abaixo. A obra, de autoria do historiador uruguaio Juan Oribe Stemmer, revela documentos de correspondência entre os representantes britânicos em Buenos Aires e Montevidéo entre janeiro de 1864 e agosto de 1865, período correspondente

te aos pródromos da Guerra da Tríplice Aliança. A obra é em homenagem ao Professor Joseph Criscenti, professor emérito no Boston College, já falecido.



Esta obra está à disposição dos integrantes e amigos da AHIMTB/RS na nossa Biblioteca, situada nos altos do Museu do CMPA.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Nossos sites:
www.ahimtb.org.br
www.acadhistoria.com.br